

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO: CONTADOR DE HISTÓRIAS, TRADUTOR DE GERAÇÕES

Giselle Ribeiro¹

RESUMO

Traduzir é também contar histórias antes ouvidas por outras gerações. É fazer bom uso da palavra para nomear, descrever e comunicar acontecimentos, emoções, pessoas e coisas visíveis e invisíveis ao mundo. É dar vez à voz do outro. Nesta cena, o contador de histórias aparece como tradutor da voz ancestral, que não é a voz primeira, mas também a voz de outro que quer ser transmitida de geração em geração. Aqui, há rumores de que o mundo evolui, de que o pensamento nascido com a humanidade é mutável, de que os saberes nos transformam e se transformam com observações e experimentações. É também assim para a tradução, pois ela é tão igual ao camaleão, porque está na escala dos saberes observados, experimentados e mutáveis. É o que faz Francisco Gregório Filho, com a publicação do livro *Lembranças amorosas* (2000), ele conta e traduz as histórias que ouviu do avô e da avó, às vezes do pai, às vezes da mãe. Por isso, essa aproximação com o livro *Lembranças Amorosas* (2000) e a tradução. É disso que esse artigo se dispõe a dialogar.

Palavras-chave: Tradução. Narrativas. Literatura Oral. Estudo da tradução.

RÉSUMÉ

Traduire c'est aussi raconter d'histoires entendues par d'autres générations. C'est bien utiliser le mot pour nommer, décrire et communiquer les événements, les émotions, les gens et les choses visibles et invisibles dans le monde. Il est temps de donner la parole à l'autre. Dans cette scène, le raconteur apparaît comme un traducteur de voix ancienne, qui n'est pas la première voix, mais la voix d'un autre qui veut être transmise de génération en génération. Ici, il y a des rumeurs que le monde évolue, que la pensée est née avec l'humanité et qu'elle est en train de changer et de nous faire tourner à des observations et des expériences. Ainsi je vous parle de la traduction, parce qu'elle est comme le caméléon, elle est là pour l'expérience et l'évolution des connaissances. Et il est possible de dire qu'avec la publication du livre *Lembranças Amorosas* (2000), Francisco Gregório Filho fait des traductions, quand il raconte les histoires qu'il a entendu de son grand-père, de sa grand-mère, parfois de son père et de sa mère. C'est ce que cet article est prêt à parler.

Mots-clé: traduction: Narrations. Littérature orale. Etude de la traduction.

Recebido em: 21/04/ 2017

Aprovado em: 10/05/2017

Nasci, portanto, com 466 anos de sabedoria. Experiências que me eram transmitidas de forma sensorial. Nos cheiros que recebia de cada um; nos sons dos beijos estalados; nos abraços; nos toques; nos amassos e beliscões; nas melodias e nos sons das diferentes vozes. (GREGÓRIO, 2000, p. 9).

O QUE é traduzir, senão, e também sentar-se, apurar os ouvidos, sustentar a fala do outro bem lá dentro e depois deixá-la atravessar a peneira do permitido, do possível e, às vezes, até mesmo do impossível. Dar voz ao outro, melhor dizer, dar vez e ouvidos à voz do

¹ Professora de Teoria Literária na Faculdade de Letras (UFPA). Mestre em Estudos Literários (UFPA). Doutoranda em Estudos da Tradução (UFPA/UFSC). E-mail: poetagiselleribeiro@gmail.com

outro. Entendemos isso quando o livro “A queda do céu palavras de um xamã yanomami” (2015) anuncia:

Finalmente, o “eu” narrador não é apenas duplicado pelo efeito autobiográfico pode também ser habitado por uma multiplicidade de vozes que constituem um verdadeiro mosaico narrativo. Este é particularmente o caso de Davi Kopenawa, como ele mesmo sempre lembra em suas falas. Em primeiro lugar, para além de suas reflexões e lembranças pessoais, suas palavras se referem constantemente aos valores e à história de seu povo, e nos são transmitidas enquanto tais. Neste caso, o “eu” narrador é indissociável de um “nós” da tradição e da memória do grupo ao qual ele quer dar voz. Portanto, o que ouvimos é um “eu” coletivo tornado autoetnógrafo, movido pelo desejo ao mesmo tempo intelectual, estético e político de revelar o saber cosmológico e a história trágica dos seus aos brancos dispostos a escutá-lo. (KOPENAWA & BRUCE, p. 539).

O que temos nesta citação é a importância da voz do povo yanomami sendo revelada por um dos seus representantes que agora aparece como tradutor da voz ancestral, que não é a voz primeira, mas também a voz de outro que quer ser transmitida de geração em geração.

Aqui, há rumores de que o mundo evolui, de que o pensamento nasceu com a humanidade é mutável, de que os saberes nos transformam e se transformam com observações e experimentações. Não tem sido em nada diferente para o campo da tradução, o ato tradutório é também camaleão, porque está na escala dos saberes observados e experimentados.

Kopenawa, apresenta a diferença entre o pensamento de Omama, dos xapiri, dos yanomami e o pensamento dos brancos, cheios de esquecimentos, feito fendas ou espaços por onde passam ou escapam as nossas experimentações, vem daí um fenômeno ser compreendido de uma forma num dado momento e num período posterior, anunciar mutação em sua forma.

Em tempos primários o entendimento da tradução se detinha pelo rigoroso olhar da fidelidade ou literariedade, sem qualquer possibilidade de deslocamento, de transmutação, de estadia em outras terras. Reintera Barbosa: “Para muitos, esta fidelidade é sinônimo de literariedade, como o cliente que deseja a tradução de um documento e indaga: “Mas essa tradução que a Sra. faz é literal, palavra-por-palavra?” Do mesmo modo, a fórmula para a juramentação de uma tradução nos Estados Unidos inclui a garantia de que a mesma foi feita palavra-por-palavra.” (1990, p.12).

Assim se dava o princípio da tradução voltado ao percurso feito de uma língua de saída A, para uma língua de chegada B e, nada, além disso, era exigido, ou permitido, ou esperado.

Depois, trocamos os nomes, embora as imposições fossem as mesmas, porém disfarçadas: “não traduzir uma palavra a partir de outra palavra, mas o sentido a partir do sentido.” (BERMAN, 2007, p. 31). Era a tradução etnocêntrica “que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se concentra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura.” (2007, p.28). Observamos que esta concepção, não nos parece nova ou refeita, ela está mascarada. Por baixo da sua casca há o que antes chamávamos de fidelidade e literariedade, pois que apesar da mudança de nome, a tradução é ainda domesticadora e perversa. Berman nos chama atenção:

E esta é a essência da tradução etnocêntrica; fundada sobre a primazia do sentido, ela considera implicitamente ou não sua língua como um ser intocável e superior, que o ato de traduzir não poderia perturbar. Trata-se de introduzir o sentido do estrangeiro de tal maneira que seja aclimatado, que a obra estrangeira apareça como um “fruto da língua própria. De onde os dois “axiomas” tradicionais (ainda dominantes) desta interpretação da tradução.” (BERMAN, 2007, p. 33).

Em outro momento desta discussão, ouvimos falar da tradução hipertextual que “remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto já existente.” (BERMAN, 2007, p. 28).

E outra vez, isso ainda nos diz pouco, porque novamente a imposição vem vestida com outra roupa, mas a pele por debaixo da roupa se mantém legítima e fiel ao postulado primeiro, disfarçado de novidade, tudo ainda é antigo. Esclarece Berman: “O tradutor visa também a reproduzir o sistema estilístico de uma obra; como no pastiche, ele deve localizá-lo, mas sua ambição se limita a reproduzir um texto existente, enquanto o primeiro reproduz um texto novo.” (BERMAN, 2007, p. 34 e 35).

O que parecia brecha para os aventureiros do ato tradutório, porque com o passar do tempo a palavra pedia mais aventura, a letra manifestava o desejo de se mostrar viva e eficaz, querendo a todo custo se desprender das imposições tão irredutíveis, era a fenda dos saberes se rompendo, dando passagem às experimentações, chegando até as fronteiras da revolução de traduzir, diferente de Antoine Berman que tece, alinhava e desata os nós, nos mostrando o quão é difícil dar por concluída a costura da tradução de um texto e instaura o pensamento da intraduzibilidade como autoafirmação de um texto.

Desta forma Berman vai tecendo linha por linha, as nuances da mordaca da história da tradução e demonstrando que todo esforço parece fadado ao grau zero da tradução, para o autor há que se considerar que:

É através de uma destruição sistemática das teorias dominantes e de uma análise (no sentido cartesiano e freudiano ao mesmo tempo) das *tendências deformadoras* que operam em toda tradução que poderemos abrir um caminho em direção ao espaço positivo do traduzir e simplesmente do seu *próprio*. (BERMAN, 2007, p.44).

Assim, é possível ouvir as páginas do livro “Lembranças amorosas” (2000), de Francisco Gregório Filho anunciar que dentro dele as vozes de outrora são guardadas e posteriormente reveladas, que dentro dele os avós se reconhecem com suas vozes sendo salvaguardadas pelas histórias contadas gradativamente por um ouvinte atento, que traz o nome de Filho, mas que reconhece a força de ser neto, porque suas “Lembranças Amorosas” estão costuradas pelas vozes do avô e da avó, às vezes do pai, às vezes da mãe. Importante sobremaneira é reconhecer que Gregório fala com o outro, para depois trazer essa voz para um outro tempo. Assim, ele traz o que ouviu do outro e sabe dar a medida exata dessas vozes, marcando no mundo atual, os ensinamentos de gerações passadas.

A literatura oral nos leva para além do nosso tempo e do tempo de outros que já estiveram entre nós. E assim nos aproximamos da tradução, pois que traduzir é também dar vida à uma obra que, talvez, já julgássemos morta construindo então a “pervivência”: “A história das grandes obras de arte reconhece sua descendência a partir das fontes, sua configuração na época do artista, e o período de sua “pervivência”, em princípio eterna, nas gerações posteriores.” (2011), nos alerta Benjamin.

Mas de que forma essa abordagem mantém a literatura oral como tradução de um tempo outro? No sentido em que a **persistência** é um dos traços desta arte. É o que nos diz Câmara Cascudo e a palavra **persistência** que marca a literatura oral se esbarra e se camufla com a palavra **pervivência** aqui já citada e referida por Walter Benjamin. Entendemos que as ideias ou sentidos se confluem quando lemos:

A tradição oral indígena guardava não somente o registro dos feitos ilustres da tribo, para emulação dos jovens, espécie de material cívico para excitação, como também as estórias facetas, fábulas, contos, o ritmo das danças, inconfundíveis. O pajé sacerdote reservaria, como direito sagrado, a ciência medicamentosa, os ritos, a breve e confusa teogonia. Os guerreiros que envelheciam possuíam o arquivo das versões orais. Essa continuidade era tão normal e poderosa que compreendemos como foram transmitidas aos naturalistas, exploradores, missionários, centenas e centenas de fábulas e de contos, ainda inesgotáveis os mananciais responsáveis por essa conservação. (CÂMARA CASCUDO, 1984, p. 80).

É de tamanha importância considerar alguns pontos do que aqui chamamos tradução, que não se limite as técnicas complexas de uma escrita em outra língua, que não se detenha na apropriação ou desapropriação total do que foi dito antes pela primeira voz, que traduzir não seja nem tão céu, nem tão terra, mas que se ligue não por uma linha imaginária do que se pretendia dizer e sim do que se sabia dizer quando foi proferida no primeiro hálito.

É mais ou menos como despertar depois de uma noite de sono, acumulamos imagens que devemos interpretar dando vez a voz que antes parecia estranha, familiarizando-a dentro do novo espaço em que transitará. Ser capaz de **aceder** ao outro e no jogo de palavras dizer, ser capaz de **acender** o outro, ouvir sua voz, estabelecer laços com ela até nos tornarmos familiarizados com ela e desta forma não reduzir o outro e inquieta-se pelo outro no diálogo com outras línguas, outras culturas. **Aceder/acender**: iluminar a voz do outro, arrancá-la da sombra ou tornar audível o que era inaudível nos territórios diferente da terra nascida.

Por isso, essa aproximação com o livro “Lembranças Amorosas” trazendo a voz dos avós mesclada pela voz do neto sensível na escuta e que guardou durante anos em seus rabiscos engavetados esses registros sonoros e pede agora para serem lembrados pelos leitores. E nesse compasso, Gregório brinca com as palavras e diz em um dos seus livros: Avô+Avó= A VOZ.

Ele que foi visitado por essas vozes de outrora, as reconhece e assume o compromisso de transmiti-las, tão igual a tradução quando alcança um outro tempo e espaço.

O livro “Lembranças Amorosas” é composto de 21 histórias costuradas pela memória e respeito às vozes que ouviu, porque as histórias são o fósforo, o isqueiro, a vela, a boca do fogão, a fogueira. Quando bem contadas, as histórias aquecem e iluminam quando fazem ver, ouvir e sensibilizam. É de quem conta as histórias, a capacidade de colhê-las e depois sabê-las na dose certa para entregar ao outro. Subtrair delas os seus dizeres segredados com a missão de não reduzir a voz ouvida, mas fazê-la chegar ao seu novo destino sem ser domesticada.

O que faz o contador de histórias vir a ser tradutor? A resposta aqui provocada está, certamente, na concepção de Schleiermacher, quando no livro “Sobre os diferentes Métodos de Tradução” (2014), nos conecta com um dos traços marcantes do tradutor, enquanto fazedor de véus ele:

Observa que palavras, que construções se mostram ali talvez em seu primeiro brilho de novidade; vê como se deslocam na língua através das exigências próprias deste espírito e da força que o caracteriza, e esta observação determina em grande medida a impressão que recebe. O tradutor deve, pois, transmitir também isto a seus leitores; do contrário, perderiam eles uma parte, seguidamente importante, do que lhes está destinado. (SCHLEIERMACHER, 2014, p. 65).

Depois do dito, seguimos nas linhas traduzidas por Gregório no seu “Lembranças Amorasas”. A história escolhida para abordagem traz o nome “Celebrar”. Na perspectiva de Jakobson (2014) ela pode ser entendida como tradução intralingual ou reformulação, pois Gregório se dispõe a receber os signos verbais do avô para interpretá-lo por meio de outros signos da mesma língua. Neste caso abandonamos o raso entendimento de que a tradução se dá, tão somente, quando atravessamos a ponte de uma língua de saída, para uma língua de chegada. E então temos a história “Celebrar” traduzida por um neto já em fase adulta, que desde o seu primeiro momento marca a força do ato tradutório. Gregório inicia a história com a descrição do avô, como quem sente a necessidade de traduzir letra por letra uma pessoa de caráter tão simbólico:

Meu avô Pedro era solene. Celebrava as histórias. Magro, alto, careca, punha o paletó, uma gravata borboleta, o chapéu, sentava na cadeira de embalo que ficava na varanda de nossa casa, e corríamos pra ouvi-lo contar histórias. Eu, meus irmãos, meus primos, as crianças vizinhas e os adultos também. (GREGÓRIO, 2000, p.12).

E o que vai sendo tecido, fio por fio, é a tradução descritiva de uma pessoa, mas não se fecha aí, pois que há também a relevância cultural trazida por esse senhor já de idade, com saberes que pedem para serem transmitidos de geração a geração.

Na medida em que Gregório vai narrando, ele vai também nos cercando com os fios da história ouvida tantas e tantas vezes e que nem por isso se opõe a pedir: Vô, conta aquela! Vô conta de novo! Ele contava solene! (GREGÓRIO, 2000, p.12).

Reconheço no gesto, no movimento da história, na repetição, no ir e vir da voz do avô Pedro as marcas dos saberes que acompanharão a existência do neto e servem para acentuar a certeza deixada por Davi Kopenawa:

As palavras do xapiri são tão incontáveis quanto eles mesmos, e nós as transmitimos entre nós desde que Omama criou os habitantes da floresta. Antigamente, eram meus pais e avós que as possuíam. Eu as escutei durante toda a infância e hoje, tendo me tornado xamã, é minha vez de fazê-las crescer em mim. Mais tarde, vou dá-las a meus filhos, se quiserem, e eles vão continuar fazendo o mesmo depois que eu morrer. Desse modo, as palavras dos xapiri não param de se renovar e não podem ser esquecidas. Só fazem aumentar de xamã em xamã. Suas histórias não tem fim. (KOPENAWA, 2015, p.508).

A tradução intralingual começa a ser revelada com o pedido do neto Gregório anunciando que dará vez a voz do outro. Não sabemos ao certo as marcas dessa voz, não conhecemos seus traços linguísticos, a marcação da sua fala, mas entendemos que foram trazidos durante a publicação dessas lembranças o reconhecimento, a força e as riquezas provenientes dos seus antepassados.

Por conta dos traços linguísticos desconhecidos, jogaremos com algumas hipóteses. Recupero aqui o registro do neto admirado pela grande conquista do avô Pedro: - “Eu olhei, ela olhou, eu pisquei e sempre firme o olhar. Ela também firme o olhar, aí eu fui na certa – dizia ele, todo gabola” (p.13). Ainda que não saibamos quais são as marcas da voz do avô, podemos apostar na expressão: “ai eu fui na certa”, porque parece peculiar, parece próprio de alguém que sutilmente conta as suas aventuras amorosas e também porque adverte Gregório: - dizia ele.

O que há nesse registro de saberes que foram guardados e transferidos, traduzidos para as gerações presentes e futuras? A resposta a essa pergunta se mantém viva, porque há revelações que se mostram linha após linha até o findar da história, ou quem sabe recomeço, porque para isso foram feitas as histórias, para o eterno recomeço, quando se mantém viva através do ato de recontar.

Há um ponto comum entre a tradição das histórias contadas e recontadas e a tradução. Esse ponto de interesse comum é demarcado na história “Celebrar” quando marca os saberes adquiridos através das escutas de Gregório Filho:

Tempos depois, meu avô morreu. Minha mãe e minhas tias prepararam os netos para o velório. Fomos todos. Meu avô no caixão, em cima da mesa. Os netos em volta. Meu avô, solene, sereno, de olhos fechados... De repente, senti um aperto no coração, uma dor no peito e chorei... chorei... chorei. Chorando, eu tive um deslumbramento, uma descoberta: estava com dor de Baratinha. Tomara ciência pela primeira vez, da dor da perda. Sim, estava com dor de Baratinha. (GREGÓRIO, 2000, p. 15).

Dona Baratinha, personagem na história ouvida tantas e tantas vezes pelo neto, sutilmente o ensinara a finitude da vida e a dor que o rompimento desse tênue fio pode trazer. O que também é acentuado pelos estudiosos da tradução quando avançam anunciando:

Se, num primeiro momento, o tradutor detém um estado do passado para operar sobre ele, num segundo momento, ele reatualiza o passado no presente e vice-versa através da tradução carregada de sua própria historicidade, subvertendo a ordem da sucessividade e sobrepondo-lhe a ordem de um novo sistema e da configuração com o momento escolhido. (PLAZA, 1987, p. 5).

Desta forma, PLAZA clareia a conexão estabelecida entre a milenar arte de contar histórias e os estudos da tradução quando repõe na teoria o que se mantém vivo e dito de geração a geração preservando, ou vencendo os tempos: passado, presente e futuro. Ponto marcado quando Gregório se dá conta do que vivencia com a perda do avô e retoma o fio da história contada no passado para fazer a costura com o presente que a ele é apresentado:

“Com o passar do tempo, fui vivenciando minhas perdas cotidianas com mais serenidade.” (PLAZA, 1987, p.16).

Outro ponto de saberes transmitidos aparece ainda na página 16, quando Gregório ratifica o aprendido tanto pela experiência do avô, quanto por pistas deixadas pela personagem da história a ele contada. Vejamos:

“Lembrei da história de meu avô fisingando o coração da minha avó. Lembrei ainda das perguntas de Dona Baratinha. O que quero, de que preciso, que desejo?” Descobri que eu não me bastava sozinho. Que precisava do outro. Diariamente ponho a fita no cabelo e canto: quem quer casar... (GREGÓRIO, 2000).

As histórias ouvidas revolvem o neto, dando a ele os contornos dos saberes adquiridos e prometidos para um futuro que chega e se faz presente. Ele então, descasca o fruto e nos entrega numa tradução escrita em forma de livro. A tradução proposta por Francisco Gregório Filho, apesar de tornar presente a voz do avô, não se prende a domesticação, também não traz o tom puro do estrangeirismo, ela flutua entra uma forma e outra fazendo do trabalho do tradutor um estado infundável. Ele sabe dar visibilidade à voz do avô, ainda que não faça dele um imperador.

Ao findar desta prosa, que possamos tomar assento e esticar nossos ouvidos até voz dos nossos ancestrais sempre que formos chamados para mais uma escuta e, que esta escuta nos entregue algumas fórmulas capazes de mudar o curso da história dos nossos saberes. Mas para isso, precisamos estar atentos e receptivos ao chamado.

REFERÊNCIAS

GREGÓRIO Filho, Francisco. **Lembranças amorosas**; ilustrações de Maurício Negro e César Landucci. – São Paulo: Global, 2000.

KOPENAWA, Albert, Bruce, Davi. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami** / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro – 1ª. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou, O albergue do longínquo**. Tradutores Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréa Guerini. Rio de Janeiro:7Letras/PGET, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mim e linguagem**; tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. – São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Literatura oral no Brasil**, - 3ª. ed. – Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Ed da Universidade de São Paulo, 1984.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. (2001). **Sobre os diferentes Métodos de Tradução.** Tradução de Celso R. Braidão. Em Werner Heidermann (org.): Clássicos da Teoria da Tradução. Volume 1: Alemão-Português. 2. Ed. Florianópolis: UFSC.

GUERENI, Andréia, Walter Carlos Costa (org.). **Sobre discurso e tradução.** Tubarão: Ed. Coplart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo Perspectiva; (Brasília), CNPq, 1987.